

DIÁLOGO CRÍTICO-TÉORICA ENTRE LITERATURA, ESTUDOS DE GÊNERO E FILOSOFIA DA DIFERENÇA: LITERATURA E OS CORPOS SEM ÓRGÃOS

Leandro Alves da Silva¹
Pauliany Carla Martins²

1

Resumo: O presente artigo visa analisar a constituição e a compreensão das personagens homens/mulheres e femininas/masculinas no que se refere aos padrões culturais de gênero, de modo a criar uma triangulação teórica-crítica entre a narrativa literária, os estudos de gênero e o campo de estudo da filosofia da diferença. Uma vez que, os estudos de gênero têm se propagado amplamente nos trabalhos acadêmicos acerca das artes em geral, como no campo dos estudos literários, e, por isso, demanda desenvolver e ampliar algumas discussões como, por exemplo, a compreensão sobre o que sejam corpos os quais se ensejam a força da diversidade e das possibilidades. A análise se deterá a obra *A Hora da Estrela*, publicada no ano de 1977 (1998a). A análise se insere no campo dos estudos literários e, ancorando-se nos estudos culturais, produz um profícuo diálogo com as teorias de gênero e do conceito de Corpos sem Órgãos (CsO), criado por Antonin Artaud e elaborado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari na obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, publicada em 1980 (1996). Os debates que envolvem a teoria dos estudos de gêneros e a teoria dos *corpos sem órgãos* contribuirão para novas reflexões acerca dessas questões na narrativa de Clarice Lispector e da construção da identidade da mulher e do homem nas obras, bem como as posições culturais que regem o ser feminino e o ser masculino dentro do contexto da narrativa.

Palavras-chave: Literatura. Gênero. Filosofia. Clarice Lispector. Gilles Deleuze. Félix Guattari.

CRITICAL-THEORETICAL DIALOGUE BETWEEN LITERATURE, GENDER STUDIES AND PHILOSOPHY OF DIFFERENCE: LITERATURE AND BODIES WITHOUT ORGANS

Abstract: This article aims to analyze the constitution and understanding of women/men and female/male characters in terms of cultural patterns of gender, in order to create a theoretical-critical triangulation between literary narrative, gender studies and the field of studying the philosophy of difference. Since gender studies have been widely disseminated in academic works about the arts in general, as in the field of literary studies, and, therefore, it demands to develop and expand some discussions, such as, the understanding of what bodies they are, which give rise to the strength of diversity and possibilities. The analysis will focus on the work *A Hora da Estrela*, published in 1977 (1998). The analysis is part of the field of literary studies and, anchored in cultural studies, produces a fruitful dialogue with the theories of genre and the concept of Bodies without Organs (BwO), created by Antonin Artaud and elaborated by the philosophers Gilles Deleuze and Félix Guattari in the book *Thousand Plateaus: capitalism and schizophrenia*, published in 1980 (1996). The debates involving the theory of gender studies and the theory of bodies without organs will contribute to new reflections on these issues in Clarice Lispector's narrative and the construction of the identity of women and men in the works, as well as the cultural positions that govern the being feminine and being masculine within the context of the narrative.

KEYWORDS: Literature. Gender. Philosophy. Clarice Lispector. Gilles Deleuze. Felix Guattari.

¹ Doutorando pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: androsilva@outlook.com. <http://lattes.cnpq.br/3100699955630822> Orcid: 0000-0002-2901-3513

² Doutorando pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: martinspauliany@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/3342133468538687> Orcid: 0000-0003-1223-4958

INTRODUÇÃO

2

Amplamente, os estudos culturais e os de gênero perceberam o sujeito em sua pluralidade e além de padrões estigmatizados e revitalizaram as concepções de homem e de mulher, possibilitando uma maior reflexão das representações, comportamentos e experiências de determinadas sociedades. A exemplo, Zygmunt Bauman (2001) defende que as sociedades atuais e futuras estão estritamente correlacionadas a um panorama social de perpétua mudança e que isso, conseqüentemente, inflige nas identidades dos sujeitos. Stuart Hall (2003) faz considerações importantes acerca dos estudos que envolvem os conceitos de cultura, sociedade e identidade e afirma que a cultura, por meio de diferentes manifestações, contribui diretamente para a produção de novas subjetividades. Simone de Beauvoir (1974) traz à luz aspectos culturais que influenciaram na naturalização do que é ser mulher e afirma que esses aspectos são contrapontos à perspectiva do que seja ser homem, o que dificulta e até mesmo impede a mulher de ter acesso aos seus direitos civis e a sua liberdade social como ser humano. Judith Butler (2001), numa perspectiva social e histórica, faz uma importante reflexão sobre a perspectiva binária sexual homem/mulher e propõe que isso seja revisto para que ocorra uma mudança de paradigma quanto à visão das subjetividades atuais.

Assim, vale lembrar que todos esses estudos apontam para um padrão cultural que influencia diversas instâncias e que, logicamente, acaba por alvejar a formação d subjetividade. Tal abrangência tem forte impacto na perspectiva de como os indivíduos vivenciam suas narrativas, uma vez que ao fixar-se o símbolo ou a imagem na sociedade, padrões são instaurados e fechados em si, trazendo a potencialidade, bem como uma maior complexidade para abarcar diferentes e divergentes narrativas que, ao serem assimiladas, constituem aspectos únicos que as representarão.

As representações dos padrões masculinos e femininos, assim, ainda eclodem nos papéis sociais, em observância às amarras culturais, como a misoginia. Tomamos, portanto, que os papéis sociais estão intimamente ligados às questões culturais que envolvem o homem e a mulher e, a partir desse ponto, pode-se discutir conceitos como misoginia, machismo, dentre tantos outros enraizados em nossa sociedade. A misoginia é vista como um empecilho construído culturalmente e é perpetuada de maneira irrefletida, por isso se tornou um padrão social com raízes sólidas no imaginário coletivo e inflige diretamente nos papéis culturais designados a todos os sujeitos.

Desse modo, essa misoginia também representa uma concepção machista e perpetua-se por meio de um olhar excludente para outras concepções possíveis. Tem-se, portanto, uma marginalização que se consolida, muitas vezes, não apenas nas mulheres, mas também nos homens, criando e perpetuando o ideário patriarcal.

O que se percebe, portanto, é que uma reflexão mais profunda e apurada, alinhada com algumas questões da pós-modernidade, urgem nos estudos culturais e de gênero, considerando que essa seja a época em que as estruturas são pulverizadas devido à resignificação e mudança dos papéis sociais e identitários. Por assim ser, rever e analisar como a cultura patriarcal está presente na constituição da sociedade torna-se imprescindível, tendo em vista as mazelas que essa cultura ainda tem procrastinado para as próximas gerações.

Expostos tais pontos, o presente texto busca reconhecer e refletir tais padrões culturais nas personagens da obra *A Hora da Estrela* (1998a), de Clarice Lispector, traçando um paralelo entre a cultura do masculino e do feminino nas concepções de mundo das personagens presentes nessas narrativas. Tal percepção será analisada a partir da concepção de “corpo sem órgãos”, iniciada por Antonin Artaud (1983) e aprofundada por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996). Essa concepção atribui ao corpo um caráter diferente do que já foi proposto, observando-o como corpo não apenas físico, como também em outras instâncias: físicas, psicológicas e históricas, dentre outras.

DESENVOLVIMENTO

Em meio a um panorama instável, transiente e abstrato para os estudos culturais e de gênero, as concepções de pós-modernidade difundem-se em um complexo de fatores nos quais seus sujeitos estão em busca de maneiras para melhor compreender as perspectivas em que estão inseridos. Reconhecendo que o século XX trouxe um arcabouço de reflexões socioculturais, provenientes de séculos passados, pôs-se em discussão perspectivas de processos no desenvolvimento das concepções vigentes. “Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados” (HALL, 2004, p. 9).

No que se refere à ótica dos estudos culturais que convergem com os estudos de gênero, percebe-se que, de acordo com Zygmunt Bauman (2001) e Stuart Hall (2004), os vários segmentos da sociedade atual estão enraizados num panorama de instabilidade, própria da chamada *modernidade líquida*. Essa, por sua vez, causa impactos de maneira coletiva e,

consequentemente, inflige na constituição e no desenvolvimento das subjetividades. Surge, portanto, uma crise de padrões e estruturas que vinham, até então, sustentando toda uma sociedade e que por isso acaba por gerar conflitos e desconstruções individuais também. Essa crise é decorrente das mudanças globais e históricas, desde a queda de regimes ditatoriais, até revoluções sociais que ocasionaram mudanças paradigmáticas.

Dentre as rasuras de paradigmas que afetaram diretamente a mudança de panorama da sociedade atual está as lutas do movimento feminista. A partir das revoluções liberais ocorridas na Revolução Francesa, influenciadas pelos ideais iluministas, o movimento feminista emergiu em decorrência da necessidade de emancipação dos direitos das mulheres no que concerne, principalmente, o direito das mulheres de ter voz frente aos papéis sociais e na política. Essa luta perpetuou de diversas maneiras na sociedade, como o início maciço da atuação das mulheres na vida intelectual, profissional e acadêmica. Tal fato possibilitou que, por exemplo, Simone de Beauvoir (1974) ganhasse espaço no cenário intelectual da época.

A escritora francesa defendeu que os aspectos que constituem a mulher são contrapostos à ideia de ser homem e que, por isso, aquilo que não é considerado como homem, logicamente, não possui voz e privilégios. Além disso, a autora afirma que esses mesmos aspectos são construídos historicamente e perpetuados de modo a consolidar um padrão seguido socialmente e de maneira irrefletida.

Em decorrência de seus estudos, assim como o de tantas outras pensadoras e críticas que iniciaram um processo de subversão de padrões naturalizados sobre a mulher, é que surgiram, então, os estudos de gênero. Com isso, grandes outras pensadoras deram continuidade ao que fora iniciado com as primeiras revoluções feministas, como a filósofa Judith Butler (2001).

Judith Butler problematiza a noção binária sexual homem/mulher que ainda impera fortemente nos constructos que sustentam a sociedade e que por isso torna inerente aspectos que modulam os papéis que as subjetividades representam. Para tanto, vê-se necessário um estudo que conflua com uma teoria que subverta tais padrões e promova uma visão que abarque as subjetividades como uma experiência do humano e não binária sexual.

Dados tais apontamentos, a aliança entre a teoria literária, os estudos de gênero embasados nos estudos culturais e a filosofia da diferença, pode possibilitar que os leitores vislumbrem seu *locus* cultural de maneira plurissemântica. O viés, aqui proposto, pretende ampliar/amplificar os estudos literários, construindo uma análise transdisciplinar acerca das questões de gênero no que toque a experiência do humano nas obras de Clarice Lispector.

Destarte, é essencial valer-se dos textos literários sem abrir mão de sua contextualização e da realidade que encarna a obra em análise. Sobre esse aspecto, Antônio Candido afirma:

Isto nos leva ao erro, frequentemente repetido em crítica, de pensar que o essencial do romance é a personagem, — como se esta pudesse existir separada das outras realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida. Feita esta ressalva, todavia, pode-se dizer que é o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna, como se configurou nos séculos XVIII, XIX e começo do XX; mas que só adquire pleno significado no contexto, e que, portanto, no fim de contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance (CANDIDO, 2006, p. 40).

Dessa forma, a personagem é uma representação de um papel social de uma época e se dá por meio de um construto cultural que perpassa a obra. Ao se pensar na personagem de ficção, de acordo com Antônio Candido, a personagem é um elemento construído intrinsecamente ao enredo que ela é posta e, conseqüentemente, ela reflete o contexto da obra na qual está inserida, ainda que ela compactue com ele ou o subverta. A personagem terá, então, somente caráter expressivo se esses fatores forem ressaltados em um estudo.

Corroborando com o proposto, destaca-se a relação dessa abordagem com o valor literário de uma obra em seu espaço-tempo. Ao discorrer sobre as mudanças que o objeto literário sofreu no seu processo de desenvolvimento, o valor e o significado da obra literária vão além da realidade nela expressa. A teoria literária, como expressão de arte, tem como uma de suas funções extrapolar o que é comum e trazer novas perspectivas, e como formula Antoine Compagnon:

O objetivo da teoria é, na verdade, desconsertar o senso comum. Ela o contesta, o critica, o denuncia como uma série de ilusões — o autor, o mundo, o leitor, o estilo, a história, o valor — das quais lhe parece indispensável se liberar para poder falar de literatura. Mas a resistência do senso comum à teoria é inimaginável. (COMPAGNON, 2010, p. 251).

Sendo assim, a obra literária não pode ser vista de maneira ingênua e despreziosa. Nela urge a necessidade de desconcertar não apenas o que é tido como senso comum, como também de desestabilizar o que está institucionalizado, de modo a não se acondicionar a regras de um senso comum e nem a regras teóricas.

O objeto literário demanda uma junção com o seu contexto para que sejam compreendidas e analisadas suas nuances e dissociações, de modo que nele possam emergir narrativas de modelos de existência e de comportamentos culturais.

Uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não literários: impressões, paixões, idéias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz (CANDIDO, 1993, p. 35).

O contexto que envolve o objeto literário reverbera em muitos sentidos dentro de seu texto e, a partir disso, cria-se micronarrativas dentro de uma narrativa maior. Essas estão entrelaçadas pelo construto que a sustenta, o construto do enredo que engloba a cultura e o contexto social em que elas estão inseridas. Para, então, compreender o objeto literário em uma perspectiva profunda e fecunda, é essencial investigar esses aspectos que envolvem seu enredo.

Tem-se, então, que uma obra literária, em seu modo de apresentação, pode representar os discursos presentes na sociedade. Portanto, um revisitar à obra clariciana dentro da perspectiva teórica proposta neste projeto muito contribui para os estudos sobre a mulher e sobre o feminino, como também permite a potencialização de uma análise ainda pouco fecunda acerca dos personagens homens e do masculino, vertente pouco explorada até então.

No que tange, então, aos trabalhos já realizados sobre o tema proposto, nenhum se debruça com a triangulação teórico-crítica proposta neste projeto, ainda que tenham sido importantes para a reflexão do homem/mulher e do masculino/feminino em Clarice Lispector. Destaca-se, dentre as publicações verificadas tanto em sites especializados, quanto repositórios de universidades, algumas que se sobressaem por promover diálogos com outras áreas para discutir a questão da corporeidade, entre elas: *Uma educação da alma: literatura e imagem arquetípica*, da Doutora em Educação Eliana Braga Aloia Atihé – que tem como objetivo principal lançar mão dos estudos literários e dos estudos da psicologia analítica para trabalhar com o conceito de imagem arquetípica e construir uma educação de cultivo à alma, utilizando a literatura como atributo de uma formação pautada na sensibilidade. O trabalho, ainda que vislumbre uma visão do corpo, não provoca reflexões sobre a questão do masculino e do feminino como pretendemos.

Outra obra de destaque é a dissertação de Gláucia da Silva Cosme, *O Feminino em Tieta e Macabéa*, que, por meio de um estudo analítico-interpretativo das obras *Tieta do Agreste*, de Jorge Amado, e *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, investiga como a identidade feminina é representada na obra de modo a estabelecer um paralelo entre as duas personagens principais. Neste estudo, a questão do feminino é verificada inclusive na comparação de personagens em

diferentes narrativas. Contudo, o masculino não é evidenciado como foco dessa pesquisa, uma vez que não é do interesse da pesquisadora considerar a questão do masculino de modo a perceber discursos machistas que reverberam no enredo das personagens.

Assim, apesar de frutíferos e transgressores em suas abordagens, nenhum dos textos supracitados se propuseram a realizar a triangulação teórico-crítica entre os estudos literários, os estudos de gênero, pautados nos estudos culturais, e a filosofia da diferença. Além disso, também não foram localizadas pesquisas que se valem dessa proposição teórico-crítica junto ao conceito de corpos sem órgãos, principalmente no que se refere a uma análise não somente das personagens femininas, mas também das masculinas e na relação dos papéis do homem e da mulher na sociedade.

O que se percebe, portanto, é a ausência de um efetivo debruçar sobre as obras em dois pontos de análise: o primeiro é verificar a constituição das personagens femininas em relação à perspectiva do masculino, considerando os papéis sociais que infligem diretamente na constituição de suas identidades; o segundo é compreender como a cultura incide diretamente na visão e na postura das personagens claricianas.

Tais perspectivas podem ser refletidas pela teoria dos “corpos sem órgãos”. A teoria dos “corpos sem órgãos”, de Antonin Artaud (1983), poeta e ator francês, também representada pela sigla CsO, surgiu quando o autor reflete sobre a racionalidade do mundo ocidental e defende que o teatro tem a função de abalar dogmas da sociedade e que, para isso, algo novo deveria ser criado. Como consequência da destruição de dogmas e da criação de algo novo, a experiência pelo caminho da “crueldade” é inegável, uma vez que, de acordo com Artaud, ao nos libertarmos das certezas nos resta apenas o medo e a insegurança. Dessa forma, ele propõe a existência de um corpo que deseja fugir do juízo que o atola em uma areia movediça. Um corpo metafísico, então, seria gerado, um corpo de resistência e intensidade: um corpo sem órgãos.

Quando tiverem conseguido um Copo sem Órgãos, então o terão libertado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade. Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas como no delírio dos bailes populares e esse avesso será seu verdadeiro lugar (ARTAUD, 1983, p. 161 – 162).

Com o fim de desenvolver uma prática filosófica, que, por meio de um “modo de vida” ou um “plano de imanência”, os indivíduos pudessem vivenciar a realidade mais profunda e singular do ser humano, Gilles Deleuze, filósofo francês, lança mão do conceito de Artaud.

[...] uma única Natureza para todos os corpos, uma única Natureza para todos os indivíduos, uma Natureza que é ela própria um indivíduo variando de uma infinidade de maneiras. Não é mais a afirmação de uma substância única, é a exposição de um plano comum de imanência em que estão todos os corpos, todas as almas, todos os indivíduos. Esse plano de imanência ou de consistência não é um plano no sentido de desígnio no espírito, projeto, programa, é um plano no sentido geométrico, seção, interseção, diagrama (DELEUZE, 2002, p. 126).

Deleuze amplia o significado carregado pelo conceito de CsO ao relacioná-lo não somente a corpos literais, como também a realidades de qualquer tipo: físicas, psicológicas, históricas etc. O filósofo esclarece o entendimento desse conceito ao utilizá-lo em seu livro *Lógica do Sentido* (2008) no capítulo “Do Esquizofrênico e da Menina”, para exemplificar o panorama social pós-moderno. Esse panorama é visto por ele como um momento histórico no qual os indivíduos estão divididos entre seres superficiais, sem sentido e ligados à aparência social, e seres em um devir “esquizofrênico”, que possibilita explorar as profundezas do humano, seja do homem/mulher, masculino/feminino. Posteriormente, nos livros *Anti-Édipo* (2004) e *Mil Platôs* (2012) – que foram produzidos pelo autor em uma parceria com o filósofo Félix Guattari – há uma defesa de que no corpo estão todos os padrões básicos de organização e de estrutura do que realmente seja o humano e, que para isso, voltar-se para o “corpo” – lembrando que “corpo” pode ser entendido como a realidade na qual o sujeito esteja inserido – é essencial para a quebra de paradigmas limitantes, como a cultura patriarcal que delimita o que venha a ser homem/mulher, masculino/feminino.

Tal proposta de leitura crítica a partir da filosofia da diferença é mais profícua quando notamos as mudanças ocorridas, nos últimos cinquenta anos, em relação à postura da mulher diante da sociedade e o surgimento das lutas do movimento feminista, que afetaram significativamente os papéis sociais, até então limitados à educação – no âmbito público –, e de mãe, esposa e filha, no âmbito privado. O homem, por sua vez, pareceu manter-se, durante um tempo, como o provedor e mantenedor da casa até a metade da primeira década do século XX. Após esse período, no entanto, a mulher desponta e adquire importantes conquistas, causando mudança nos paradigmas sociais enraizados até então. À vista disso, o entendimento de que no momento em que a mulher passa a questionar seu lugar na hierarquia social e, no âmbito da cultura patriarcal, ela se aproxima do que o conceito de CsO propõe.

Assim, o que se percebe é que nos anos finais do século em questão, já é notável a inversão de alguns papéis sociais, visto que a mulher ocupa novos espaços que a ela antes não pertenciam. Tendo em vista essas alternâncias, a mulher começou a participar e contribuir como

mão-de-obra de trabalho braçal e intelectual; em outros âmbitos, sinalizando mudanças na estrutura social. Esses frutos foram colhidos graças aos movimentos e ideários do feminismo.

Logo, o movimento feminista vem a ser considerado um dos mais poderosos e efervescentes progressos culturais de toda a humanidade, pois não apenas causou mudanças nos paradigmas, no que se refere à mulher, como também propôs uma nova visão do homem, carregando consigo inquietações sociais ainda mais amplas que reverberaram na atual sociedade. Corroborando com esta afirmação, Stuart Hall (2004, p. 45) ressalta que o feminismo “[...] abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças etc”.

Concomitantemente a isso, questões de misoginia entraram em um debate mais forte, pois ainda se mostram presentes, mesmo com avanços significantes em diversas esferas da sociedade. Neste aspecto, compreende-se que os apontamentos do feminino, do feminismo e da misoginia estão diretamente relacionados aos aspectos culturais patriarcais que vigoravam no século XX e se perpetuam no século atual. Pode-se, então, interseccionar o exposto com o “corpo sem órgãos”, visto que é uma corrente que questiona a instauração desses padrões e da petrificação do sujeito.

Tais apontamentos permitem um melhor debruçar sobre a proposta de tese, que iniciará com a contextualização do panorama pós-moderno de fluidez e instabilidade proposto por Zygmunt Bauman (2001). Sob essa perspectiva, será possível vislumbrar de que modo os conceitos e o ideário, que alicerçam as estruturas sociais e identitárias, permitem uma hierarquia de padrões aos quais os sujeitos se submetem, criando paradigmas de comportamentos e de experiências. Nisso, há ainda uma forte postura materialista e individualista que influencia toda uma sociedade e que se potencializa com a globalização que interliga facilmente sujeitos de culturas diversas e distintas, como defende Stuart Hall (2003).

Desse modo, verifica-se a necessidade de projetar luz, de maneira crítica, sobre esta realidade que foi e continua sendo construída, possibilitando uma reflexão e o discernimento da existência desses sujeitos plurissêmicos e que se afastam de padrões pré-determinados. Dentre as necessidades que sobrepõem às questões culturais e de gênero, deve-se rever as concepções de constituição da mulher, visto que nela ainda é perpetuada uma ideia de identidade que é contraposta do que significa ser homem. Logo, ser mulher é não ser homem, e com isso a figura da mulher é segregada em diversas instâncias. Do mesmo modo, há uma idealização da figura do homem e do que é ser masculino, autenticando uma base binária,

produto de um construto social, cultural e político (BEAUVOIR, 1974). É justamente esse fato, aliado à proposições de Hall (2004), que permite entender que a identidade é algo volátil, passível de análises.

Diferentes aspectos que compõem o indivíduo são essenciais para depreender o panorama dessas questões de modo a considerar a complexidade que permeia a constituição da mulher em uma cultura voltada para a consolidação do masculino. Isto posto, verifica-se que a imagem que carrega os aspectos sociais, culturais e históricos dos sujeitos é também repleta de experiências que vão além das vivências de cada um deles, tratando-se de conteúdos que falam não apenas de uma cultura, mas também de aspectos que a tangenciam.

Os sujeitos, nesse novo momento histórico, considerados distantes ou fora dos padrões impostos, puderam encontrar espaços para se empoderarem de características antes consideradas como fatores excludentes. Isso porque o ser humano é um ser capaz, não apenas de produzir, mas também de criar novos e diferentes universos, individuais e coletivos, em seu processo de enunciação. Assim, trata-se da ideia de os sujeitos desenvolverem uma prática filosófica para que, por meio de um “modo de vida” ou um “plano de imanência”, possam vivenciar a realidade mais profunda e singular do ser humano (DELEUZE&GUATTARI, 1996).

Ainda que a crítica ao machismo esteja se configurando de maneira mais presente na sociedade, é importante compreender que isso não desautentica que a cultura dominante influencie na formação de outras. No entanto, cabe lembrar que toda mudança demanda uma reflexão mais profunda e apurada, alinhada nesta pesquisa com a perspectiva do CsO, visto que entendemos que a ressignificação de papéis sociais provoca mudanças nas estruturas hierárquicas. Isto é, embora o feminino e o feminismo tenham obtido lugar preponderante na esfera social, as ideias do masculino podem permear parte da constituição do ser mulher.

A noção hierárquica, pautada no binarismo homem/mulher, no qual o primeiro ocupa posição superior, pode ser vista na obra *A Hora da Estrela*, quando o narrador, Rodrigo S.M., nas linhas iniciais, julga, de maneira categórica, a personagem Macabéa: “A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham” (LISPECTOR, 1998a, p. 30). De acordo com Rodrigo S.M, ele se perde no rosto de uma mulher nordestina e encontra inspiração para narrar uma história de verossimilhanças: “A moça é uma verdade da qual não queria saber...” (LISPECTOR, 1998a, p. 45). Há em Macabéa, sem dúvidas, um traço de união de fatores, que expõe a carência e a aridez de vidas sem visibilidade – o narrador a descreve como uma jovem nordestina vinda do

sertão de Alagoas, de 19 anos de idade, virgem, órfã desde seus dois anos e que sobrevive com o emprego de datilógrafa. E, ademais, ele a descreve como incompetente para a vida e sem capacidade para se embelezar e afirma que nesse mundo existem pessoas que têm e outras que não têm. No caso de Macabéia, ela simplesmente não tem. “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam” (LISPECTOR, 1998a, p. 23).

Tal reflexão pode ser vista também na percepção que a própria Macabéia tem de si. Na verdade, na própria visão que ela não tem de si. A personagem representa o que há de mais germinal do humano, o instintual e por isso constela existências e experiências custosas de enxergar, tanto pela inexorável presença do primitivo na constituição de Macabéia, quanto por ela simbolizar o inquietante e derradeiro universo da desumanidade. Sua existência é por si só difícil de fitar por demasiado tempo, principalmente se o ponto de partida for a superficialidade da vida em padrões pós-modernos baseados no consumo e na liquidez das relações. Uma vez que o disseminado discurso que prioriza a aparência e incentiva ostentosas experiências como únicos fatores capazes de satisfazer angústias, a personagem se contenta em passear no ponto de ônibus aos finais de semana e comer pão com salsicha tomando Coca-Cola.

Enquanto Macabéia permanece com o ar de insignificância perante o mundo, como visto anteriormente, Rodrigo S.M. a usa como parâmetro para sentir-se: “Voltando a mim: o que escreverei não pode ser absorvido por mentes que muito exijam e ávidas de requintes. Pois o que estarei dizendo será apenas nu” (LISPECTOR, 1998a, p. 25). Além de Macabéia servir de subterfúgio para Rodrigo S.M., a ideia que ele tem da jovem nordestina também dialoga com a crítica de Deleuze e Guattari (1996) sobre o corpo. De acordo com os autores, um corpo sem órgãos traduz a experiência do que há de mais humano, o que para os padrões socioculturais vigentes são fatores desestabilizantes. Nesse sentido, Macabéia, em alguns momentos, aproxima-se desses padrões, ora de maneira implícita, ora explícita.

Além disso, as intersecções entre Macabéia e as personagens masculinas são fecundas em toda a prosa. A inferioridade de Macabéia é também perceptível na relação com Olímpico. Em um dia de chuva muito intensa, em frente a uma loja de ferramentas, a protagonista conheceu Olímpico de Jesus. Interessante ressaltar que o narrador nos revela o nome da personagem principal apenas no momento em que ela conhece Olímpico, o que nos leva a refletir sobre a posição da mulher na estrutura sociocultural na qual ela se encontra, isto é, o lugar de submissão em relação ao homem.

Em um diálogo com Olímpico, quando ela o questiona acerca de quem escreveu o livro *Alice no País das Maravilhas*, percebe-se a insuficiência cultural da mulher no âmbito privado. No diálogo citado, Macabéa pouco conhece sobre cultura, sociedade e demais aspectos da vida, acatando facilmente as posições enunciativas de Olímpico. Isto é, a concepção de certo e errado nesse momento é delineada pela fala impositiva de Olímpico que supre as lacunas do que era desconhecido para Macabéa. Considerando que há atualmente uma alternância entre liberdade e opressão, os indivíduos considerados com atributos descentralizadores conseguem também constituir novos espaços e maior visibilidade. Contudo, não é o que se percebe na personagem Macabéa, uma vez que ela aceita passivamente as imposições culturais não apenas de Olímpico, mas também da cultura pela qual ela foi constituída.

Macabéa enxerga em Olímpico, desde o primeiro encontro, não somente aspectos da sua origem, já que ambos nasceram no Nordeste, mas também um interesse de se aperceber e, com isso, atentar-se para alguns comportamentos sociais que antes para ela simplesmente não existiam. Por exemplo, uma pessoa pode se insinuar com educação para conseguir vantagens, como é possível perceber nas atitudes de Olímpico e de outras personagens que vão surgindo na narrativa, tais como Glória.

A feminilidade³ de Macabéa, como se espera na cultura patriarcal, é pouco presente. Há, por parte da personagem, uma falta de cuidado com o próprio corpo se comparada às demais mulheres da narrativa. Macabéa não é apenas desleixada, na visão proposta, como também é desprovida de qualquer atributo sexualmente atrativo na visão patriarcal. Enquanto Glória, sua colega de trabalho, “(...) possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido” (LISPECTOR, 1998a, p. 63), Macabéa sequer tem noção do corpo. Glória também, como diz a narrativa, tinha a força da mulatice, o que remete a outro ideário machista, o de que a mulher negra ou “mulata” é mero objeto de desejo sexual. Já Macabéa, nessa perspectiva patriarcal e machista, em nenhum momento se adequa a um ideário de desejo para o homem, por ser nordestina, pobre, sem curvas e “pouco feminina”.

a imagem "ideal" adquiriu uma importância obsessiva para as mulheres porque era esse seu objetivo. As mulheres não passam de "beldades" na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina. Quando as mulheres na cultura demonstram personalidade, elas não são desejáveis (...) (WOLF, 1992, p.77).

³ O termo “feminilidade” é entendido restritamente como o cuidado com o corpo.

Esse fato pode ser percebido na cena em que a personagem principal troca a cor de seu batom na tentativa de se encaixar no padrão que objetifica a mulher e a torna sexualmente atraente somente por meio do uso de artifícios, como a maquiagem, perpetuando o mito da beleza que se naturalizou como uma característica da identidade da mulher. Isso porque

13

CONCLUSÃO

Portanto, vê-se que o mito da beleza da mulher cria a ilusão de que se a mulher possui a “liberdade” para brincar com seu corpo de maneira criativa lançando mão de adereços que a embeleze, de acordo com os padrões normativos, logo ela é livre e está em posse de seu próprio corpo. A transformação do corpo da mulher em objeto é uma forma de enquadrá-la em um padrão que delimita e reforça as diferenças pautadas em uma lógica binária. Nesse sentido, essa lógica desloca a mulher de uma posição de poder e ainda configura uma ideia ilusória de liberdade de expressão.

A reflexão teórica crítico-literário aponta as postulações culturais de corpos em Clarice Lispector, que ainda são pouco exploradas, mostrando assim o quão a obra pode ser potencializada, permeando tópicos distintos dos já pesquisados e problematizados. Desse modo, a análise do homem/mulher, masculino/feminino, nas obras clariceanas, por meio das contribuições dos corpos sem órgãos dos filósofos Deleuze e Guattari, faz-se necessária, tendo em vista o que os estudos culturais e os de gênero têm proposto para criticar e desestabilizar os padrões binários sexuais até então vigentes. Nesse sentido, é visível que as personagens possuem uma complexidade nada estrutural em suas personalidades e que, por esse mesmo motivo, elas transgridem e subvertem uma estrutura de *ser* reforçada e promulgada no social e no privado de suas relações.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. *Escritos de Antonin Artaud*. Tradução seleção e notas Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983.

BAUMAN, Zygmunt e TESTER, Keith. *Conversations with Zygmunt Bauman*. Cambridge (UK), 2001.

_____. *O Mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York/London: Routledge, 1990.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora34, 1996. v. 1.

DELEUZE, G. *Espinosa e a filosofia prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres?* Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Recebido: 10 de dezembro de 2021.

Aceito: 15 de janeiro de 2021.